


ERA UMA VEZ UMA TOUPEIRA.

As toupeiras são míopes: só enxergam coisas que estão bem pertinho, encostadas na ponta do focinho.

É que elas moram em túneis. Este é o seu mundo: debaixo da terra. Quem mora em túneis não precisa ver. Lá dentro é tudo escuro. Não há quase nada para ser visto.

A detailed illustration of a mole's underground world. The scene is set in a dark, reddish-brown tunnel. A mole, depicted in shades of blue and purple, is shown from a side profile, facing right. It has large, pinkish claws on its front paws and a small, dark eye. The tunnel walls are textured and uneven, with some roots or thin branches hanging down. In the upper left, a small, colorful butterfly is perched on a ledge. In the lower right, a white bone lies on the ground. The overall atmosphere is mysterious and dark, reflecting the text's description of a world where sight is not necessary.

Eu não sei por que é que elas resolveram viver assim, se aqui fora é tão bonito. Acho que foi por medo. Por medo dos bichos que eram mais fortes, elas resolveram se enterrar. A pena é que, lá no fundo, se não vão os bichos perigosos, também não vão nem os pássaros nem as borboletas, e não se vê nem o luar nem o arco-íris.

As toupeiras são ruins de ver, mas muito boas para cavar. Passam assim a vida inteira: cavando túneis e escondendo-se dentro deles. Como certas pessoas...

A toupeira da nossa história tinha um apelido: Ceguinha. Os outros bichos se riam dela porque ela nunca via nada.

No jogo de cabra-cega, nem precisavam pôr a venda nos seus olhos. Ela não via nada, mesmo com os olhos abertos.

E ficava sempre de fora das conversas, porque não sabia o que dizer. Só falava sobre o seu túnel. Como certas pessoas...

Enquanto a bicharada falava de frutas que cresciam no alto das árvores ou de nuvens que ameaçavam chuva, ou da beleza do arco-íris, ou da brancura do luar, ela perguntava:

— O que é isso? Eu nunca vi... — E piscava os olhinhos míopes.





Certo dia, ela percebeu algo incomum. Um alvoroço entre os animais. Falavam de uma coisa nova sobre a qual nunca haviam conversado antes.

— É — disse dona Coruja, professora, que se especializara nas coisas que acontecem durante a noite. — Dizem que o brilho dele é maior que o de muitas luas cheias. Na última vez que apareceu, o rabo era tão grande que ia do horizonte até o umbigo do céu, bem em cima da nossa cabeça.

Todo mundo olhou para cima, para ver onde ficava o umbigo do céu. Ceguinha, também. Só que ela não viu nada.

— Ele vem de muito longe, de muito longe mesmo. Só passa por aqui de setenta e seis em setenta e seis anos...

— Mas vem de onde? — perguntou um esquilo, espantado.